

Título: A bruxa está solta, feminista e engajada

Veículo: O Globo - **Localidade:** RIO DE JANEIRO - RJ - **Data de publicação:** 13/04/2019

Editoria: Segundo Caderno - **Página:** 8

Centragem: 3 cm/coluna

Do clássico ao pop. Circe, da "Odisseia", na pintura de Wright Barker: hoje, bruxaria ganha novas facetas



A bruxa está solta, feminista e engajada

Personagem mitológica volta a provocar fascínio com versões modernas em livros, filmes e séries

RUAN DE SOUSA GABRIEL
De São Paulo
ruan.gabriel@veiga.com.br

A primeira bruxa a assombrar a literatura apareceu no século VIII a.C. Seu nome era Circe. No décimo canto da "Odisseia", ela transforma em porcos os marinheiros de Ulisses. A feiticeira do poema épico de Homero vivia em uma ilha acompanhada de leões, tigres e lobos (nem um gato), possuía uma varinha de condão (usada para transformar homens em suínos), e fabricava poções mágicas. O gato preto de Maga Patalójká, a varinha de Hermione Granger, as poções de Madame Mim e inúmeras outras peculiaridades associadas às bruxas vêm de Circe

— embora Homero não mencione em seus versos se ela tinha um verruga no nariz.

— Circe não é a bruxa feia das fantasias de Halloween, mas a feiticeira sedutora que atrai os homens. Mais do que os animais, a varinha e as poções, era o poder de Circe que fazia dela uma bruxa. As bruxas têm um poder que perturba a sociedade, os homens, principalmente — diz a escritora americana Madeline Miller. — Bruxas são mulheres cujos poderes os homens não conseguem controlar.

Madeline é autora de "Circe", romance que apresenta a personagem não como a feiticeira caprichosa da "Odisseia", mas a dota da complexidade que às vezes falta às per-

sonagens mitológicas femininas. A Circe de Madeline não é só virtude ou pecado, mas uma ex-ninfa que aprende a abraçar seus poderes mágicos e tenta usá-los como pode. Madeline é autora de outra releitura mitológica: "A canção de Aquiles", na qual o herói grego do calcanhar de ferro e o guerreiro Pátroclo são mais que amigos.

"Circe" alcançou o topo da lista de mais vendidos do "The New York Times" e é das muitas releituras da bruxaria que vem invadindo livrarias, cinemas, canais de TV e serviços de Streaming. Aportou recentemente no Brasil o livro "As bruxas" (Zahar), no qual a jornalista Stacy Schiff narra como 14 mulheres, cinco homens e dois cães foram condenados à morte por feitiçaria em Salem. Em séries como "Charmed" e "O mundo sombrio de Sabrina" — ambas inspiradas em sucessos dos anos 1990 — jovens bruxas usam seus poderes para proteger os inocentes e derrotar o mal, que às vezes aparece na forma de abusadores e homens inescrupulosos.

"American horror story" dedicou uma temporada inteira às bruxas. A rede americana ABC anunciou uma nova versão de "A feiticeira". A bruxa tá solta...

— A visão que a maioria de nós tem das bruxas vem dos contos de fadas: são velhas, feias e malvadas. Mas, nos anos 1990, a imagem da bruxa se renovou com séries como "Jovens bruxas", "Buffy, a caça-vampiros" e "Sabrina, aprendiz de feiticeira". Essa imagem amigável está sendo revivida hoje, quando as bruxas são empoderadas, feministas e usam seus poderes para um mundo melhor — disse a socióloga americana Helen Berger, autora de quatro livros sobre bruxaria. — O poder da mulher sempre foi temido, por isso as bruxas eram tão malvistas.

ATRAÇÃO E HORROR

Helen, leitora entusiasmada de "Circe", pesquisou a prática da bruxaria nos Estados Unidos, Inglaterra e Austrália. Verificou que alguns as novas representações midiáticas das bruxas levaram jovens a se interessar pelo paganismo, ainda que depois elas se decepcionassem ao perceberem que os rituais diferiam muito da TV.

A representação midiática das bruxas acompanhou as ondas feministas. A sufragista americana Matilda Joselyn Gage (1826-1898) foi pioneira também ao dar um novo significado à palavra "bruxa". Ela afirmou que as bruxas de

Salem era mulheres de "saberia superior" e, por isso, temidas.

L. Frank Baum (1856-1919), autor de "O mágico de Oz" e genro de Matilda, assimilou as lições da sogra e criou Glinda, a Bruxa Boa do Sul. Nos anos 1960 e 1970, durante a segunda onda feminista, muitas mulheres se voltaram para o neopaganismo em busca da face feminina do sagrado e de uma espiritualidade coerente com suas crenças políticas.

— O momento é de grande discussão feminista, sobre o lugar da mulher na vida pública e sobre o corpo, o que permite que arquétipos como a feiticeira, a prostituta e a guerreira retornem sob outra perspectiva — afirma Leandro Bessa, professor da Universidade Católica de Brasília. — Figuras como a bruxa exercem um duplo encantamento, um misto de fascínio e horror. Ao serem reassimiladas pela cultura pop, elas fazem circular novas discussões.

Nem todas as releituras são positivas ou bem recebidas. Madeline não gostou nada de ver Circe transformada em inimiga da Mulher-Maravilha pela DC Comics:

— Achei um pouco machista. Circe e a Mulher-Maravilha seriam amigas.

REPRODUÇÃO